

EDUCAÇÃO FÍSICA SIM, POR QUE NÃO?

Dalton Müller Pessoa Filho¹

Há algum tempo, lendo um livro sobre uma proposta "fenomenológica" para a questão curricular⁽¹⁾ fiquei surpreso com o uso de algumas palavras em seu sentido etimológico original. Duas delas, mais especificamente, muito me intrigaram por estarem diretamente ligadas a minha área de formação - a saber: "educação" e "físico" - e por refletirem, naquele contexto, um sentido muito mais amplo daquele que atualmente estamos acostumados a ouvir e/ou empregar.

Naquele texto, as palavras educação e físico foram decompostas e seus significados originais revelados. Ambas de origem grega e derivadas, respectivamente, das palavras "EX-DUCERE" e "PHYSIS". *Ex-ducere*, indica a saída de um estado ou condição para outro, refere-se a possibilidade de se colocar num determinado caminho por vontade própria - sem, portanto, imposição - e como decisão entre vários impulsos oportunizados pela convivência social; e *Physis*, representa muito mais do que, simplesmente, a natureza exclusivamente material, vai além da aparência das coisas e do ser e refere-se, também, ao vigor que permite a transcendência do ser ao vir-a-ser, manifestando a natureza humana completa e complexa nos seus mais variados níveis de possibilidades.

Quero deixar claro, antes de prosseguir, que em nenhum momento do livro essas duas palavras foram unidas pelo autor, ou sequer postas na mesma frase. Assumo, portanto, todas as responsabilidades das críticas que surgirem sobre os parágrafos subsequentes.

Como já disse, a leitura dessas palavras muito me intrigaram e desde aquela época venho pensando na possibilidade de uní-las e, também, no significado que emanaria dessa união: Educação + Física.

Aproveitando a oportunidade, o termo "*Educação Física* (lembrando que a palavra "*physis*" comporta os dois gêneros, o que permite-me passá-la para o feminino em nosso idioma) significaria, na minha interpretação, a maneira, o caminho, o modo pelo qual um indivíduo se mostraria, se revelaria, se relacionaria com o mundo e com as pessoas com quem convive, sendo por isso ou a partir disso identificado. Entendendo-se por maneira a forma espontânea ou ecânica, criativa ou automatizada,

livre ou determinada sócio, cultural e historicamente em que os domínios (biológicos e psicológicos) inerentes à cada indivíduo restringiriam ou facilitariam as possibilidades do ser vir-a-ser em suas ações locomotoras".

Pode ser que essa não seja a melhor interpretação, pode ser, também, que a referência ao contexto grego antigo seja inadequada para a época em que o termo Educação Física surgiu, uma vez que os antigos ideais greco-romanos de Homem, de Mundo e de Existência e, portanto, os contextos sociais, políticas, econômicas e científicas eram bastante diferentes. Cabe-me ainda enfatizar, ou lembrar os leitores, que se o contexto atual já difere, e em muito, daquele onde o termo apareceu, o quanto não se diferenciaria do contexto do antigo mundo grego; apesar de que algumas abordagens científico-filosóficas contemporâneas tendem, pelo menos, à retomar a discussão de alguns princípios do pensamento dos grandes filósofos daquela época.

Faz-se necessário, portanto, contextualizar o conceito de Educação Física para os tempos atuais, o que, sem dúvida, permitir-nos-ia visualizar melhor a validade dessa proposta. Antes, porém, vejamos um breve resumo do período em que o termo Educação Física foi proposto e da época atual em que vivemos, onde o termo Educação Física tende a ser rejeitado.

O termo Educação Física foi implantado no final do século XVIII e início do século XIX, na Europa, sendo, porém, incorporado somente a partir da segunda metade do século XIX, quando experimentou grande expansão e aceitação. Nesse período, vivia-se a proliferação dos "sistemas ginásticos"⁽²⁾, na parte continental da Europa, que possuíam a finalidade de afirmar o senso de nacionalidade e a preparação do indivíduo para a guerra. Vivia-se, também, o "movimento esportivo inglês"⁽³⁾, fruto da remodelação social e econômica promovida pela Revolução Industrial e, nesse sentido, a prática esportiva visava o divertimento nos horários de ócio e à educação informal de ênfase sociabilizante.

O contexto social vigente em toda a Europa, nesse período, era bastante contundente, pois atravessava profundas mudanças políticas, econômicas e educacionais com as Guerras Napoleônicas, com a Revolução Industrial e Francesa e com o desenvolvimento da Educação Estatal (pública, gratuita e obrigatória), sob a

¹ - Bacharel em Educação Física e mestrando em Ciências da Motricidade Humana do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro

responsabilidade do Estado e fundamentada no pensamento emergente de grandes pedagogos daquela época, como Rousseau⁽⁴⁾. A Educação Física assentou suas bases nesse contexto de guerras e revoluções, onde, entre outras coisas, os ideais de educação eram bastante influenciados pelos conceitos dicotômicos cartesiano (corpo/mente) e religioso (corpo/alma) de Homem. Dessa maneira, como já existiam a educação intelectual, moral e religiosa passou a existir, também, a educação física, cujas obrigações educacionais visavam abranger somente as questões relacionadas ao desenvolvimento do domínio corpóreo.

Esse mesmo "modelo" fragmentado de Homem resistiu ao tempo e alcançou os tempos atuais. Sob seus conceitos as Ciências se desenvolveram, decorrentes do aprofundamento dos conhecimentos em áreas cada vez mais compartimentadas (especializações) e isso, por sua vez, possibilitou um "avanço" cada vez maior dos conhecimentos. O mundo contemporâneo passou a conceber como ciência muito mais áreas de estudo do que antigamente. Desse modo, atualmente, temos as ciências relacionadas aos estudos do Homem (Ciências Humanas), aos estudos biológicos (Ciências Biológicas) e aos estudos da lógica e do espaço (Ciências Exatas).

A Educação Física não ficou de fora dessa tendência, ela precisava "provar", assim como todas as Ciências emergentes ou tradicionais, a relevância do seu papel na formação do Homem. Mas, por falta de identidade científica própria, perdeu-se nessa tentativa de formulação de conceitos específicos para as questões emergentes do seu amplo campo de atuação na sociedade. Pois, na ânsia e na onda da produção de conhecimento, emprestou saberes e métodos das mais diversas e até adversas Ciências, realizando uma verdadeira miscelânea epistemológica. Tudo isso em prol da "bandeira" recém erigida do **Estudo do Homem em Movimento**.

O estudo do Homem em movimento era o caminho pouco trilhado e desmembrado pelos métodos das Ciências tidas como "mães" e, conseqüentemente, era o caminho promissor para que a Educação Física se estabelecesse diante da comunidade acadêmica. Porém, no momento em que ela se difunde entre as Ciências tradicionais, se evapora a sua única identidade: o lugar, o respaldo social que a fez, no século XVIII e XIX, tão necessária.

Ironicamente, a tendência científico-filosófica se reverte. Afinal, o conhecimento não era produzido para atender às finalidades sociais e sim a busca cíclica de novos conhecimentos. Surgem, ou ressurgem, então, as questões da validade ecológica, do existencialismo, da visão holística da realidade e do Homem. O conhecimento ora fragmentado necessitava reconstituir-se, pois as variáveis envolvendo o Homem e sua existência foram interpretadas como múltiplas, complexas e harmoniosamente integradas. Nascem, então, os conceitos de *inter* e *cross*-disciplinaridade, isto é, a integração do

conhecimento fragmentado até então produzido. Contudo, houve, nesse passado recente, e ainda há, no presente, uma grande obstáculo nesse caminho: o Homem tornou-se, com a compartimentalização do conhecimento em áreas, subáreas e linhas de pesquisa, um escravo da sua especialização, um cego para as necessidades humanas e sociais que ultrapassam os limites de sua área de estudos e, como consequência, um leigo para tudo aquilo que não se refere ao seu campo específico de conhecimento.

Assim como antes, a Educação Física precisou se reestruturar para atender as novas perspectivas científico-filosóficas. Nessa nova tendência muitos valores foram, saudavelmente, superados como, por exemplo, o excessivo enfoque fragmentalístico, a dualidade do ser humano e a confusão epistemológica. Pelo que transparece, pode-se até comentar que os anos sombrios de vivência parasitária com as Ciências-Mães serviram-nos, ao menos, de base para proposições *inter* e *cross*-disciplinares bastante consistentes em seus fundamentos. Justifico essa minha afirmativa pela qualidade com que os acadêmicos da Educação Física vêm trabalhando as tentativas de defini-la enquanto área ou campo de conhecimento, onde há lugar para o estabelecimento de uma disciplina acadêmica produtora de recursos suficientemente válidos para definir a Educação Física não só como profissão, mas, principalmente, como Ciência.

Vislumbro, nesse trajeto, um ponto de crucial importância para a concretização desses objetivos almejados: o alcance de um **espaço** social que forneça respaldo ao campo de atuação profissional. O profissional em Educação Física precisa ser possuidor de um **valor** social. Uma vez sabido que a Educação Física não tem **um** mas **alguns** "espaços" de atuação na sociedade, sabe-se por isso, ou por causa disso, que ela não tem **um** mas **alguns** "valores" dentro da sociedade. Sendo assim, podemos inferir que a Educação Física não pode ter apenas **um** mas **alguns** "objetos de estudo"⁽⁵⁾; ou melhor, deve ter uma **essência** (aquilo que não varia) suficientemente suscetível às construções frente aos espaços e valores com que se depara.

É nesse contexto que advogo a favor, não, simplesmente, de um nome próprio, mas a favor daquilo que bem ou mal já está enraizado social, cultural e intelectualmente em nossa sociedade; cabe-nos transformá-lo, modificá-lo e melhorá-lo.

NOTAS

- (1) Sobre a abordagem e o tema desenvolvido, consultar: **MARTINS, J.** *Uma abordagem fenomenológica do currículo: educação como poíesis*. organização do texto Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo, Cortez, 1992.

- (2) Para maiores informações sobre o assunto, **consultar:**
BETTI, M. *Educação física e sociedade: a educação física na escola de 1º e 2º graus*. São Paulo, Movimento, 1991.
- (3) Para maiores informações sobre o assunto, consultar, também, a referência acima citada.
- (4) Sobre o assunto, consultar: **LUZURIAGA, L.** *História da educação e da pedagogia*. São Paulo, Nacional, 1979.
- (5) Para um maior esclarecimento, consultar: **BRACHT, V.** Educação Física/Ciência do Esporte: que Ciência é essa? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 14(3) 111 - 118, 1993.